

rua cadê o homi

descer subir subir descer
nas centenas de degraus
daquela escada parecia
que a vida não daria nada

Jocevaldo não achava trabalho
Peu faltava todas as aulas
o que os filhos de Dona Ninha
roubavam mal dava para a semana

todos os dias os mesmos dramas
urgências de saúde, um segredo
novo que ninguém ignorava, uma
briga de casal, ou novo enterro

qualquer mudança nesse enredo
era uma alegria, um bebê que nascia
alguém que arranjava um emprego
um sumido que voltava pra casa

qualquer mínima alegria que ante-
cipava a próxima tragédia era uma
festa, um respiro facho de luz, trégua
como pequeno carnaval fora de época

como no dia em que Jeu ia ser pai
ou o bahia campeão encheu de paz
a rua — como se os deuses sempre
de parte decidissem operar o milagre

logo depois quarta-feira de cinzas
aquele clima de velório vinha de novo
roer nossos olhos, cavar nos rostos
aquele buraco onde vivíamos enfiados

às vezes os degraus pareciam infinitos
como se estivéssemos rotos no fundo
do precipício olhando pra cima vendo os
ratos e ouvindo correr a água do esgoto

outros dias pareciam o contrário no meio
do jogo de vivo-ou-morto a gente se abra-
çava uns aos outros, festejando o milagre
sem santo de fazermos tanto de tão pouco

ríamos e nossa gargalhada ameaçava
o mundo, como subir as escadas rebolando
o pagodão, insubmissos vivos se tínhamos
que morrer não nos encontrariam rendidos